

CONSTRUINDO CIDADANIA EM TEMPOS DE AMNÉSIA

Em busca da cultura anamnética bíblica

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Não é tarefa fácil falar em cidadania sem correr o risco de cair em equívocos. O termo tem sido utilizado nos últimos tempos de tantas maneiras diferentes e servido a tantos objetivos, muitas vezes contrastantes entre si, que pode vir a esvaziar-se em breve o seu sentido. Gostaríamos de refletir aqui em primeiro lugar sobre a relação entre construção de cidadania e conquista de liberdade, para em seguida analisarmos alguns elementos preocupantes da cultura atual, palco desse processo, à luz da cultura bíblica.

1. Cidadania e liberdade

Há uma relação profunda, ainda não suficientemente analisada, entre cidadania e liberdade. A construção de uma não se realiza sem a presença da outra. Pode-se afirmar que ambas são dimensões de um mesmo e único processo de construção de identidade humana. A cidadania e a liberdade não são realidades dadas, existentes *a priori*, elas são um processo e um projeto que envolve a totalidade da existência humana. Enquanto processo, elas pressupõem o envolvimento total da existência, antes de serem direito elas são dever e conquista.

Na cultura atual há, na maioria das vezes, um grande equívoco, quando se afirma a liberdade inalienável de cada indivíduo: confunde-se muitas vezes a liberdade com o livre-arbítrio. A liberdade não é simplesmente a capacidade de decidir entre as diferentes possibilidades que se me apresentam; escolhendo entre diferentes possibilidades eu estou utilizando o meu livre-arbítrio, mas isso não quer dizer que eu esteja, com essa atitude, construindo liberdade.

A liberdade não se exercita e se constrói simplesmente fazendo escolhas entre as variadas possibilidades do que eu quero. Este certamente é o caminho mais fácil. A liberdade inicia o seu “engatinhar” a partir do momento em que eu digo “não” ao que eu não quero. É com um “não” e não com um “sim” que se inicia o grandioso e complexo processo de construção da liberdade. “O primeiro passo para a liberdade é aprender a dizer não”. Na medida em que eu digo não, eu estou exercitando escolhas e inevitavelmente correndo riscos; quem não está disposto a correr riscos não pode construir liberdade. Na mesmice da existência, na segurança do já dado não se é livre, pois a aposta é uma dimensão inevitável nesse processo. Correr riscos, fazer escolhas, ser cúmplice do destino dos outros são dimensões fundamentais da construção da liberdade. Porém a liberdade não é algo que pode ser acabado, é um processo que se desenvolve durante

toda a existência, pois toda existência é sempre situada nos seus condicionamentos e é exatamente frente a esses condicionamentos que construímos liberdade¹.

A construção de liberdade é construção de cidadania, na medida em que o cidadão só é cidadão se for livre, como aqui entendemos a liberdade, e a pessoa livre é necessariamente uma cidadã. O compromisso pessoal de construção de liberdade desemboca necessariamente no compromisso com os outros, na participação ativa nos destinos das outras vidas.

2. A construção da cidadania: Variações sobre alguns aspectos da cultura pós-moderna

A cultura moderna se apresenta como o palco da pluralidade, aberto e contraditório, com as mais variadas “ofertas de sentido” para os indivíduos. Neste cenário a cidadania é construída entre diferentes ofertas no “mercado de sentido”. Uma característica desta cultura é a necessidade que os indivíduos apresentam de fazer experiências existenciais personalizadas. Fala-se atualmente de “sociedade de vivências”². A “indústria cultural” tem cada vez mais se ocupado e incentivado essa característica da sociedade, criando a “ilusão da liberdade” que faz massas inteiras desejarem os mesmos símbolos, comprá-los mundialmente e mesmo assim terem a ilusão de que são sujeitos da sua própria existência exercitando a sua liberdade. Tal fenômeno não pode deixar de ser levado em conta na discussão sobre as possibilidades de construção da cidadania.

A cultura pós-moderna tem cada vez mais se caracterizado, entre outros aspectos, pela diversão e a festa. Nunca talvez na história da humanidade se festeje tanto e com tanta rapidez como na atualidade. É nas músicas, nas conversas de bate-papo no barzinho, é nas celebrações litúrgicas ou em certas espiritualidades “vendidas” no mercado religioso atualmente. Parece que a felicidade, nesse contexto, encontra-se na nossa capacidade de esquecer, de “desligar”. A felicidade parece que estaria no esquecimento. O mundo do *marketing*, das festas, das luzes, dos impactos mediáticos... Sempre rápidos e com forte carga emocional inconsciente. Tem-se a impressão que é feliz quem esquece mais e mais rápido e festeja com maior intensidade. Uma “cultura da amnésia” vai cada vez mais se constituindo no nosso meio.

Nesse contexto há também o desenvolvimento de um processo de individualização da visão-de-mundo e conseqüentemente de religião³. Os indivíduos, cada vez mais, organizam a sua própria vida com elementos de diferentes origens. A religião, agora cada vez mais privada, vai se delineando como um processo de “biscate” (*bricolage*), ou como se tem chamado atualmente: uma “*religião salada*” (*Patchwork*)⁴.

1. SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia aberta para o leigo adulto – Graça e condição humana*. Vol. 3. São Paulo: Loyola, 1977.

2. SCHULZE, Gerhard. *Die Erlebnisgesellschaft – Kultursoziologie der Gegenwart*. Frankfurt/New York: Campus, 1997.

3. LUCKMANN, Thomas. *Die unsichtbare Religion*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

4. GREVERUS, Ina-Maria. Prinzip Collage. In: SILLER, Hermann P. (Hrg.). *Suchbewegungen – Synkretismus – Kulturelle Identität und kirchliches Bekenntnis*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1991, p. 18-30.

A subjetividade é uma das aquisições mais importantes da história da humanidade. Porém nada é tão valioso e ao mesmo tempo tão manipulável e frágil do que a subjetividade humana, principalmente na cultura de massa. Vejamos algumas características desse processo.

3. Necessidade de realizar as suas próprias escolhas

Atualmente, cada vez mais, pode-se observar, em todas as dimensões da vida, o desejo das pessoas em determinarem o seu próprio caminho e escolherem a própria direção das suas vidas. Onde antigamente a família, a escola, o Estado, a Igreja tiveram uma grande influência na determinação dos valores e conseqüentemente nas escolhas feitas pelos indivíduos, atualmente a escolha tem se manifestado como algo cada vez mais pessoal e decisivo na afirmação da liberdade. Cada indivíduo busca fazer as suas próprias escolhas a partir das mais variadas ofertas de sentido. O critério da escolha será cada vez mais a sua experiência pessoal, aquilo que vai dando sentido a sua própria existência. Cada um produz a sua *bricolage* a partir das suas necessidades subjetivas. Não é mais a tradição familiar e a socialização, sozinhas, que fundamentam as convicções de uma pessoa, mas sim, muito provavelmente, a comparação das ofertas de sentido a partir das suas necessidades individuais. Não se pergunta mais se algo é verdadeiro, mas sim o que ele proporciona enquanto vivência subjetiva na vida das pessoas envolvidas.

4. “Deus sim, Igrejas não”

Uma outra característica dessa nova situação é uma descrença cada vez maior nas instituições religiosas tradicionais. Não é fato novo nos ambientes universitários escutar-se a afirmação de um sim a Deus (independente da visão que cada um possa ter dessa realidade), mas uma desconfiança cada vez maior nas instituições religiosas tradicionais, principalmente das cristãs. Ou seja, uma separação cada vez maior entre “experiência religiosa” e “sistema religioso”. A experiência religiosa tudo bem, mas ao falar de sistemas religiosos o desinteresse e as críticas são cada vez maiores. Entre os jovens encontram-se cada vez mais sinais de distância e rejeição, principalmente quando as instituições religiosas querem prescrever fixamente o que eles têm a crer e fazer. Com isso não se quer afirmar aqui que a vida dos jovens não seja marcada por ritualizações, mas elas cada vez mais acontecem fora das instituições religiosas. Tem crescido cada vez mais uma geração de jovens que não tiveram praticamente nenhuma socialização religiosa e que tende a crescer na nossa sociedade.

5. A funcionalização da religião e das Igrejas

O fenômeno da funcionalização da religião e das Igrejas só pode ser devidamente compreendido se visto em relação aos anteriores. A partir da lógica inerente a essa dimensão, não exclusiva, da cultura pós-moderna urbana não é difícil de compreender um outro fenômeno, agora diretamente ligado à relação com as instituições religiosas, ou seja, a tendência das Igrejas a tornarem-se simplesmente prestadoras de serviços

religiosos e espirituais a essa sociedade. Como consequência do seu milenar papel legitimador das estruturas de sentido na sociedade, como afirma Norbert Mente, “... torna-se compreensível que justamente estas [religião e igreja], por seu tradicional ancoramento no âmbito dos modos de vida, tenham de servir como ‘bacias de triagem’ para todos os tipos possíveis de movimentos sociais de fuga, a começar pela exigência fundamentalista de certezas absolutas, até a volta neo-religiosa em direção à vida interior”⁵.

No processo de construção de sentidos individuais as religiões muitas vezes servem como uma variedade de ofertas. É como se estivéssemos em um jardim florido e cada um vai construindo o seu próprio buquê. As flores para esse buquê são os vários elementos das mais diferentes tradições religiosas. De forma concreta em relação à Igreja, ela vai se tornando cada vez mais uma prestadora de serviços a partir das necessidades individuais das pessoas. Esse fenômeno pode ser observado no aceleração de uma religiosidade cada vez mais individualista e interesseira. O desejo por milagres cresce junto com o seu mercado. A devoção aos santos, as novenas, as romarias, as celebrações litúrgicas muitas vezes são verdadeiros espetáculos desse fenômeno. “Eu quero”, “eu necessito”, “eu busco a Igreja” e ela deve me dar. Há todo um trânsito religioso dentro das próprias Igrejas em busca de soluções de problemas existenciais, financeiros, de saúde, etc.

Para muitos, mesmo que de forma não refletida, as Igrejas vão cada vez mais se tornando prestadoras de serviços das suas necessidades. O próprio discurso religioso atualmente vem revelando essa tendência; basta observar as palavras-chave de muitas pregações religiosas para observar essa tendência. Muitas vezes parcelas significativas da sociedade têm buscado esse tipo de relação com a Igreja e têm recebido, de alguns setores, retorno satisfatório. O que isso tem a ver com a missão da Igreja e com o Evangelho é a grande pergunta.

6. A contribuição da memória bíblica para a construção da cidadania

No seio da cultura pós-moderna está cada vez mais se desenvolvendo uma cultura do esquecimento e da festa. Assistimos atualmente ao “triunfo da cultura da amnésia”⁶. A “salvação” de muitas vidas está no esquecimento, no silêncio frente ao sofrimento humano, no cinismo dos grandes *shows* midiáticos que tornam o sofrimento humano, muitas vezes, algo puramente estético, de forma tal que tudo vai se transformando em uma celebração da banalização das dimensões fundamentais da existência humana. A grande palavra de ordem é esquecer, como se aí estivesse a possibilidade de redenção humana na atualidade.

É nesse contexto que se deve refletir sobre cidadania se não quisermos cair em abstrações estéreis que certamente em nada ajudarão à construção da liberdade huma-

5. METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 42.

6. METZ, Johann Baptist. Zu einer Basiskategorie christlicher Gottesrede. In: METZ, Johann Baptist; REIKERTORFER, Johann; WERBICK, Jürgen. *Gottesrede*, p. 3-20. – METZ, Johann Baptist. *Zur Begriff der neuen Politischen Theologie 1967-1997*. Mainz: Grünewald, p. 147-155.

na. É no centro desse fenômeno cultural preocupante para a construção da cidadania que se coloca a categoria fundamental judaico-cristã da memória. Diante de uma cultura que traz consigo um sofisticado processo de amnésia coletiva para as massas, como é possível construir cidadania? Esta certamente é uma das perguntas centrais em que o diálogo com a cultura bíblica pode certamente ser de grande proveito para a discussão atual deste processo.

Não é o esquecimento que salva, mas sim a memória. Na tradição bíblica há uma relação profunda entre memória e redenção⁷. A recordação salvou e salva Israel (*She-má Israel!*), como salva a Igreja (“Fazei isso em memória de mim”). No meio da ameaça cultural do esquecimento, da amnésia cultural e também, muitas vezes, religiosa, se faz necessário, agora mais do que nunca, um diálogo com a tradição judaico-cristã bíblica para que a nossa cultura atual não seja absorvida pela cultura do esquecimento, destruindo as possibilidades necessárias para que a cidadania seja construída. Na linguagem de Johannes Baptist Metz, isso é a dimensão anamnética da genuína cultura bíblica. É na anamnese (recordação) e não na amnésia (esquecimento) que se encontra a salvação. Essa dimensão anamnética da fé de Israel pode ser encontrada como um *leitmotiv* em todo o Antigo Testamento. É no louvor, na lembrança e na narração que Israel desenvolve a sua consciência histórica e mantém-se fiel à aliança com Javé (Sl 106,21s; 79,13; 75,13)⁸. Cada geração deve recordar o passado de tal forma que ela se sinta participante dele e possa transmitir às futuras gerações tais experiências para que estas possam fazê-las suas e conseqüentemente passá-las adiante. Neste sentido o Deuteronômio apresenta um “programa” para todas as gerações futuras de Israel cultivarem a sua memória histórica, preservando a sua esperança escatológica.

Esquecer em Israel é um drama que, além de pôr em risco a sua aliança com Javé, questiona a sua identidade e ameaça o seu futuro (Dt 4,9; 8,11; 9,7; Os 4,6; Jr 14,9). O paradoxo da cultura bíblica está justamente em que a recordação torna-se expectativa e a memória desemboca em esperança escatológica⁹.

No culto a memória está ligada a fatos que revelaram a presença salvífica de Javé (Ex 12,24s; 13,8s; Dt 16,3; Lv 23,34-36.42). Tal memória não é mera lembrança estética de acontecimentos passados, mas uma atualização festiva cheia de futuro. Quando na liturgia do sábado a criança faz a pergunta do porquê de tudo aquilo, o mais velho começa a contar a história da libertação. Ou seja, é resgatando a memória e transmitindo-a de geração em geração que a esperança não morre. Nesse sentido, para Metz, memória bíblica é um conceito impregnado de práxis profundamente relacionado com outras duas categorias fundamentais conseqüentes dela, a saber, a “solidariedade” (*Solidarität*) e a “narratividade” (*Erzählung*)¹⁰.

7. SÖLLE, Dorothee. Recordação. In: GÖSSMANN, Elisabeth *et al.* (orgs.). *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 419.

8. MUSSNER, Franz. *Tratado sobre os judeus*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 114-115.

9. Memória. In: LÉON-DUFOUR, Xavier *et al.* (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 571-572.

10. Cf. METZ, Johann Baptist. *Fé em história e sociedade – Estudos para uma teologia fundamental prática*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 213-276.

Memória não entendida como retorno romântico a um período mítico, anterior à negatividade na história, mas como memória que abre a possibilidade para o futuro. Como afirma Metz: “...uma outra forma de memória; memórias perigosas, memórias que são um desafio. Memórias nas quais experiências anteriores relampejam e fazem surgir novas evidências, perigosas para o presente. Elas iluminam, por momentos, com luz deslumbrante e crua, a questionabilidade daquilo que nós, há muito, nos acomodáramos e a banalidade de um pretense ‘realismo’. Elas rompem o cânon das estruturas de plausibilidade vigentes e têm traços verdadeiramente subversivos. Tais memórias são como que visitas perigosas e imprevisíveis do passado. São memórias com as quais a gente tem que contar, memórias, por assim dizer, com conteúdos de futuro”¹¹.

A memória das vítimas excluídas do sistema denuncia a totalidade deste sistema como falácia. É um momento negativo necessário, não como um momento pertencente a uma dialética onde a negatividade (a memória do sofrimento) seria abolida, mas como momento interno constitutivo e permanente do movimento da história. “Da memória do sofrimento surge um saber sobre o futuro, que não significa uma antecipação vazia, mas que, a partir da experiência da nova criação do homem em Cristo, se põe à procura de formas mais humanas de vida... A história do sofrimento da humanidade não pertence simplesmente à pré-história da liberdade, mas que ela é e permanece um momento intrínseco da história da liberdade. A imaginação de liberdade futura alimenta-se da memória do sofrimento...”¹²

Essa memória, a partir da tradição judaica, não é qualquer memória, é a *memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo*¹³. A memória de Jesus não é qualquer memória, vendida como qualquer “produto religioso”, a memória de Jesus é uma “memória perigosa” porque nos faz lembrar da sua vida e da sua liberdade, ela é futuro para os desesperados, mas não um futuro sem memória, como simples consolação de problemas psicológicos, financeiros como o mercado religioso tem apresentado. Futuro que é apresentado, e aí encontra-se o seu perigo, como projeto de liberdade que envolve a totalidade da existência humana na sua busca de autenticidade. Recordar a *memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo* é promessa de liberdade para todos, que já foi antecipada em Jesus de Nazaré. É a memória, a partir da negatividade da história, que a liberta dos mecanismos de tentar reconstruir uma totalidade abstrata, universalista e excludente. O grito dos que sofrem denuncia a mentira de todo e qualquer sistema que os nega, tentando escondê-los em um processo cultural massificante de amnésia coletiva. A negatividade abre à transcendência na medida em que impede a perpetuação da mesmice, da repetição solitária das categorias legitimadoras do sistema e interpelam uma ação solidária como práxis¹⁴. Como bem formulou Alberto da Silva Moreira, analisando o conceito de “memória perigosa de Jesus” na obra de Metz: “Memória de Jesus, portanto, é sempre a memória de um sofrimento e de uma promes-

11. *Ibid.*, p. 125-126.

12. *Ibid.*, p. 131.

13. *Ibid.*, p. 103-115.

14. DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da Libertação na América Latina*. São Paulo: Loyola, s.d., p. 63-72.

sa; trata-se de uma categoria básica para a teologia e a fé cristã, que salva a identidade dos cristãos contra os ídolos vencedores da sociedade, fortalece a sua resistência contra as enganações e a tentação do triunfalismo e serve de critério hermenêutico básico para qualquer uso da razão prático-crítica. A lembrança do sofrimento deve permanecer como um agulhão na carne da razão para salvá-la de seu cinismo”¹⁵.

7. Uma cultura bíblica anamnética dá o que pensar para a construção da cidadania

Vivemos, com certeza, como bem formula um título de um livro do teólogo J.B. Libânio, em um tempo de “muita religião e pouca libertação”¹⁶. Observa-se uma euforia em algumas análises sobre a manifestação do sagrado na sociedade pós-moderna, ou, como muitos costumam afirmar, “o retorno do sagrado”. Muitas vezes tem-se a impressão que, para alguns, esse fenômeno seja algo em si positivo. Ou seja, o “retorno do sagrado” é confundido com o “retorno de Deus”. Porém de forma alguma está claro – e me parece muito pelo contrário – que o fenômeno do retorno do sagrado tem algo com o retorno do Deus cristão na vida das pessoas. Há um sagrado sendo vivido e celebrado de forma dionisíaca em diferentes grupos religiosos que pouco ou nada têm a ver com o Deus bíblico. Seria um erro e um grande retrocesso confundir Deus com o “sagrado”. Se assim o fosse toda a revelação judaico-cristã teria perdido a sua relevância na história da humanidade. Se o “sagrado” fosse acriticamente confundido com Deus, a Revelação perderia a sua singularidade. E aqui o que afirmamos em relação ao “sagrado” também vale da mesma forma para o “religioso”. Não foi pedida, pelo povo, a morte da “religião” ou do “sagrado”, mas sim a morte do Evangelho (Jesus Cristo).

A cultura pós-moderna traz consigo, também, contornos cada vez mais difusos, onde uma certa idéia ilusória da liberdade é festejada nas mais diferentes formas, ao mesmo tempo em que nunca a liberdade humana foi, de forma tão sutil, manipulada. Talvez nunca na história da humanidade o desejo de liberdade foi tão manipulado como no nosso tempo.

Como observamos na primeira parte desta reflexão, a necessidade de liberdade de escolha dos indivíduos, a sua busca de construção de sentido pessoal e coletivo para a sua existência e a construção de sua identidade religiosa a partir de fragmentos de diferentes sistemas de sentido, tendo como critério fundamental de escolha as suas vivências existenciais, mesmo com as ambivalências que as constituem, não deixa de ser um passo qualitativo na construção da autonomia humana que não se deixa mais guiar por regras prefixadas que pouco ou nada lhes falam existencialmente. Não deixa de ser uma experiência de emancipação frente às formas religiosas burocratizadas.

Por outro lado, como vimos anteriormente, a cidadania não é algo mágico, pronto em teorias ou sistemas; ela é construção que se faz a partir de escolhas e essas escolhas se realizam neste contexto histórico cultural em que estamos atualmente inseri-

15. MOREIRA, Alberto da Silva. O conceito de memória na Teoria Crítica e na Teologia Política. *Fragments de Cultura*. Goiânia: Ifiteg, vol. 9, n. 5, set.-out./1999, p. 1051-1052.

16. LIBÂNIO, J.B. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. Valência: Siquem, 2001.

dos. Por isso a necessidade do resgate do conceito de memória bíblica que pode ser um elemento importante para que se possa ter maior clareza quanto aos mecanismos e aos critérios de tal construção.

Eis aqui alguns elementos que devem ser refletidos:

- Quais desejos determinam os critérios de escolhas no momento atual? Já foram amplamente analisados os complexos mecanismos, na sociedade contemporânea, da “indústria cultural”. Hoje, parece que nas discussões sobre a relação entre evangelização e *marketing*, essas contribuições foram quase que totalmente esquecidas. Nunca se desejou tanto a liberdade e parece que essa liberdade nunca foi tão manipulada como na atualidade. Além disso, não podemos esquecer todas as tentativas conscientes e inconscientes de fuga ou negação da liberdade contidas nas mais variadas ofertas fundamentalistas no mercado religioso atual.
- O desejo de escolha de estrutura de sentido não está, muitas vezes, relacionado ao desejo de consumo? A religião, na sua manifestação institucional, corre muitas vezes o perigo de tornar-se pura e simplesmente uma prestadora de serviços, divorciando-se da sua responsabilidade com o compromisso ético. Uma religião a partir de uma “fé segundo o cardápio *à la carte*”. E como fica o cristianismo?
- Como responder a esse momento cultural, sem trair o evangelho e sem “vendê-lo” como uma mercadoria agradável, *light*, para consumidores também *light*? Por trás da afirmação “o povo quer” ou “o momento cultural pede” não estaria se manifestando um novo e velho problema da pastoral da Igreja em relação às massas?¹⁷ “Onde dormirão os pobres” nas pastorais, nos Movimentos, nos grupos?
- É compreensível que diante da apoteose midiática religiosa do momento alguém possa dizer algo. A velha e sempre nova pergunta que fica é o que o Evangelho de Jesus tem a ver com esses produtos religiosos vendidos na atualidade? Até que ponto eles contribuem para uma construção séria e consistente de cidadania? Ou estaríamos assistindo atualmente a um retrocesso da liberdade e autonomia humana em nome do sagrado? Uma infantilização em massa em nome de Deus?

Conclusão

Os problemas levantados aqui não foram escolhidos para justificar a inércia teológica, nem a pastoral, em refletir de forma séria e criativa sobre esses desafios. O desejo é provocar um diálogo, sem cair nos extremos de um saudosismo idealista ou de um otimismo ingênuo frente aos reclames mágicos do momento atual. As Igrejas não

17. Sobre essa problemática ver: SEGUNDO, Juan Luis. *Massas e minorias na dialética divina da libertação*. São Paulo: Loyola, 1975.

podem fugir à sua missão de anunciar o Evangelho em todas as culturas e para cada encontro se faz necessária uma profunda sensibilidade ao contexto no qual esse diálogo se realizará, porém é também necessário discernimento profundo para que o fermento do Evangelho não se perca em formas religiosas que matem a sua novidade escatológica. A memória escatológica das Igrejas não é qualquer memória, é a memória de uma esperança determinada, não a esperança ilusória das liturgias coletivas modernas, manifestadas nas mais diferentes formas, celebrando a amnésia. A memória cristã, quando vivida na fidelidade e na coerência, nunca fez ninguém adormecer ou fugir para mundos ilusórios. Essa memória, se resgatada na história do cristianismo, sempre se manifestou como risco em direção ao futuro, como história de liberdade. A contribuição teológica de Metz tem raízes profundas na cultura bíblica judaica, de onde também as próprias Igrejas elaboram os fundamentos da sua identidade. Elas, as Igrejas, enquanto comunidades da memória, não são portadoras de qualquer memória, mas da memória perigosa de Jesus de Nazaré. Memória que provoca “êxodo” nas nossas existências, que nos provoca ao risco de apostar na liberdade¹⁸. O Deus judaico-cristão é Aquele que nos aceita como nós somos, mas não nos deixa ficar como estamos. Provoca movimento, saída, risco, futuro... Como anunciar esse Deus sempre atuante nas nossas histórias, respeitando a liberdade e a subjetividade das pessoas, mas sem permitir nem participar de toda e qualquer tentativa de diluir o Evangelho nos nossos desejos de fugas e infantilismos psicológicos? Como mostrar aos homens e mulheres no processo de construção da sua cidadania que o Evangelho é fundamental e radicalmente a Boa Notícia da liberdade? Esta é a grande e fascinante missão dos cristãos neste momento cultural: resgatar a identidade anamnética libertadora do cristianismo em um contexto marcado pela amnésia cultural e religiosa como o nosso.

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
douets@gmx.net

18. SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus? – Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 241-363. – COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.